
O PROTAGONISMO DA RAIVA EM APRESENTADORES DE TV: um estudo comparativo a partir do programa Correio Verdade

THE ROLE OF ANGER IN TV PRESENTERS: a comparative study based on the “Correio Verdade” program

JANAÍNE SIBELLE FREIRES AIRES

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Resumo: Neste artigo investigamos como apresentadores de televisão manifestam a raiva. Adotamos como objetos de estudo três edições do programa “Correio Verdade” da TV Correio, filiada à RecordTV na Paraíba, cuja característica em comum foi o tratamento de crimes hediondos e a manifestação de conduta raivosa do apresentador e/ou repórter. A partir desta análise, visamos identificar o papel que esta emoção desempenha nestes programas e seus desdobramentos políticos e midiáticos.

Palavras-chave: comunicação; emoções; raiva; televisão.

Abstract: This paper investigates how television presenters express anger. We adopted as subjects of study three editions of the “Correio Verdade” program of TV Correio, affiliated to RecordTV in Paraíba, whose common characteristic was the treatment of heinous crimes and a manifestation of angry conduct by the presenter and / or reporter. From this analysis, we identified the role that this fundamental function plays for programs and their political and media developments.

Keywords: communication; emotions; anger; television.

1 INTRODUÇÃO

O regime emocional contemporâneo é fortemente caracterizado por uma certa “tirania da positividade”, cujo repertório e receituários a “raiva” figura como vilã (FREIRE FILHO, 2010). Apesar de ser geralmente tratado como um sentimento patológico, em algumas ocasiões, as condutas raivosas também têm sido defendidas como necessárias e benéficas.

Neste artigo, pretendemos refletir justamente sobre o controverso processo de valorização da “raiva” como uma emoção inerente ao desempenho de apresentadores e repórteres de programa populares sensacionalistas que lidam diariamente com a cobertura do jornalismo policial. É através da performance profissional de comunicadores ligados a este gênero que se revela a importância moral da raiva para a constituição da concepção de justiça que se desdobra na rotina produtiva de programas policiais.

A postura de apresentadores destes produtos audiovisuais e em especial com apelo mais carismático é talvez aquela em que o sentimento da raiva seja ainda mais contrário à indiferença e se aproxime do sentimento de zelo, daquilo que toma conta, da ira justa e da proteção. Esta característica colabora para que em torno da figura de comunicadores populares se criem expectativas políticas. Não é à toa que estes programas sejam potentes plataformas eleitorais.

Neste artigo, trabalharemos a centralidade desta emoção como integrante da rotina produtiva de programas populares sensacionalistas, buscando perceber se há certa motivação política para o uso da raiva. A nossa hipótese é que os quesitos que fortalecem a ascensão política destes personagens transcendem a popularidade e resultam do investimento neste tipo de condução e interpretação da realidade.

O papel político que apresentadores de programas populares assumem aponta para a recorrente naturalização de sua atuação como um “defensor do povo” (VIDAL NUNES, 2000) dotado de bondade e de qualidades determinantes – como a solidariedade e a fidelidade –, como alguém distante das amarras políticas tradicionais, mas também como um profissional capaz de através das mídias não se apresentar indiferente ao sofrimento que se vivencia diante das telas.

Corroboramos com a perspectiva de que é preciso entender as emoções como sendo determinadas social e culturalmente e seus efeitos nos discursos e na categorização destes profissionais. Para Paul Muldoon (2008), a raiva, como um afeto, figura entre os nossos sentimentos morais mais importantes, uma vez que representa uma resposta a um dano intencional e ocupa uma posição central na forma como concebemos a justiça. Por isso, o autor aponta para a necessidade de se reconhecer a

legitimidade moral da raiva, mesmo compreendendo que embora seja vulnerável ao excesso e precise ser moderada por meio de normas compartilhadas de razoabilidade, ela muitas vezes representa uma resposta adequada.

A televisão, especialmente no Brasil, é um meio capaz de mobilizar o público em torno de causas e que está situado em um universo repleto de prescrições morais compartilhadas. A linguagem televisual é uma prática social, um modo de ação e uma relação dialética entre a prática e a estrutura social (FAIRCLOUGH, 2019). Já na definição do que entendemos como mídia, partilhamos da compreensão de Roger Silverstone (2005) para quem a mídia é uma dimensão social, cultural, política e econômica complexa e onipresente do mundo moderno. Sob nosso ponto de vista, é preciso reconhecer a capilaridade e os múltiplos efeitos promovidos pelos fenômenos comunicacionais, mas também considerar as questões estruturais como determinantes. Assim, entendemos ser possível identificar os vínculos mais abrangentes.

Por isso, nosso objetivo é elaborar um estudo comparativo entre três edições do Programa *Correio Verdade*, que está há 18 anos no ar e é produzido pela TV Correio, afiliada a RecordTV na Paraíba. Este programa foi escolhido pela longevidade e por se tratar de um formato estadual de significativa audiência. A partir deste programa, diferentes profissionais se lançaram à política, galgando cargos municipais e federais com e sem êxito. Esta característica do programa é um indicativo de sua instrumentalização política, isto é, da organização de sua dinâmica de produção para fins eminentemente eleitorais e partidários. A instrumentalização política da mídia pode ser definida como o “controle da mídia por agentes externos – partidos, políticos, grupos ou movimentos sociais, ou agentes econômicos que procuram influência política – e que se servem deles para intervir no mundo da política” (HALLIN & MANCINI, 2010, p.51).

Buscamos observar como a raiva dos apresentadores e do repórter se apresenta em três edições. Entendemos como manifestações da raiva as ocasiões em que apresentador ou repórter demonstra revolta de modo contundente verbal e gestualmente – através do reconhecimento de pistas acústicas próprias de desta emoção (ALMEIDA, ALMEIDA; OLIVEIRA, 2015) - em resposta a algum dano individual ou coletivo promovido por terceiros ou mesmo pelo Estado, conforme descreve Paul Muldoon (2008). Nossa análise é assíncrona e compara as performances da mediação

do programa em 2011 e em 2021, assim podemos identificar se e como a mediação se altera de acordo com os casos narrados e o perfil dos apresentadores analisados.

Nosso *corpus* é formado por trechos específicos em que tal emoção se manifesta. O primeiro trecho analisado narra um acontecimento de grande visibilidade local do ano de 2011: a prisão de um suspeito de ter cometido 16 estupros no estado da Paraíba, veiculado em 29 de julho de 2011. Nesta ocasião, analisamos a postura do repórter Emerson Machado e do apresentador Samuka Duarte¹, cujos perfis traçaremos mais adiante.

O segundo trecho se refere à edição sobre a prisão de dois suspeitos de estupro de uma jovem menor de idade, veiculada no dia 30 de setembro de 2011. Neste caso analisamos a postura do mesmo apresentador, trata-se de um episódio emblemático na trajetória do programa, objeto de análise na justiça em virtude da violação de direitos humanos promovidas pela produção². E em 2021, destacamos nosso terceiro trecho, que se refere a prisão de um suspeito de assassinato de uma jovem de 22 anos, denominado como Caso Patrícia, veiculado no dia 28 de abril de 2021, a partir da reportagem de Emerson Machado e da apresentação de Nilvan Ferreira, que substituiu Samuka Duarte a partir de janeiro de 2021.

A escolha se deu pela praticidade da pesquisa retrógrada, em virtude do acesso às íntegras dos programas exibidos e da existência destes episódios em que os apresentadores e repórteres claramente manifestam a raiva diante dos casos narrados. Focamos na ação do apresentador na chamada da matéria e no comentário que a sucedeu, bem como na narrativa construída pelo repórter.

Primeiramente, buscamos introduzir o debate contextualizando o programa analisado e explicitando como sua dinâmica de produção reproduz os traços deste gênero televisivo. Assim, pretendemos identificar a natureza da mediação estabelecida e como este formato rompe com o contencioso entre emoção e razão, foco da seção seguinte. Este assunto é importante para observarmos como este tipo de produção jornalística se distancia da estrutura clássica do que tem sido denominado como jornalismo de referência (AMARAL, 2011). E, por fim, nos dedicamos a analisar os casos

¹ Nome artístico do radialista e apresentador Samuel de Paiva Henrique.

² Em virtude desse episódio, foi movida a Ação Civil Pública nº 0007809-20.2011.4.05.8200 pelo Ministério Público Federal (MPF), já que o programa exibiu na íntegra a violência gravada pelos agressores, embora a polícia já tivesse esclarecido o crime e os acusados já estivessem presos, os registros foram exibidos durante toda a programação.

destacados, considerando o que os apresentadores e repórter argumentam nas situações em que deixam a raiva assumir o controle de seus discursos e posturas nas três coberturas analisadas.

2 GÊNERO, FORMAS E FORMATO DA RAIVA: A CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROGRAMA “CORREIO VERDADE”

Para além de contornos técnicos, os gêneros televisivos reproduzem e geram impactos diretos na formação econômica, política e cultural de um país. No caso da televisão brasileira, especificamente, os vínculos sociais que formam programas televisivos são bastante complexos e demandam uma análise mais aprofundada e de longo prazo. O reconhecimento da complexidade da narrativa televisiva resultou em diferentes abordagens que, de acordo com Jane Feuer (1992), podem ser divididas em três grandes linhas argumentativas. A primeira privilegiaria a dimensão *estética* - entendendo o gênero como um protocolo de inteligibilidade, o que implica no reconhecimento dos formatos, da linguagem, dos valores e da ética. Enquanto a segunda observaria os gêneros televisivos de um ponto de vista *ritual* - o gênero é também uma cerimônia de conexão entre a produção e o público, fomentada pelas relações de afeto e as estratégias sensíveis que promovem os vínculos comunicativos; e, por fim, a abordagem *ideológica* - no qual, se observa os gêneros audiovisuais considerando que são também instrumentos de controle e de poder. Sob nosso ponto de vista, as três abordagens são complementares e precisam estar integradas para entendermos o caso em análise, como buscaremos desenvolver nesta seção.

O programa *Correio Verdade* é exibido diariamente das 12h às 13h30 pela TV Correio, afiliada a RecordTV na Paraíba. A emissora pertence a familiares do ex-senador Roberto Cavalcanti (2009-2011) do Republicanos. Ao contrário de outras afiliadas à cabeça-de-rede, a TV Correio preserva significativa parte de seus formatos originais, com exceção do programa *Cidade Alerta Paraíba*, cuja produção foi iniciada em 2013, reproduzindo um padrão nacional da rede entre às 18h e 19h, conforme destrinchamos no quadro 01.

Quadro 01 – Programas produzidos pela TV Correio/Paraíba.

PROGRAMAS	GÊNERO	PERIODICIDADE	HORÁRIO
CORREIO DA MANHÃ	Jornalístico	Segunda a sexta	06h00 - 07h45
MULHER D+	Variedades	Segunda a sexta	07h45 - 08h20
MENSAGEM DE FÉ	Religioso	Segunda a sexta	08h20 - 08h30
CORREIO VERDADE	Jornalístico	Segunda a sábado	11h50 - 13h30
CORREIO DEBATE	Jornalístico	Segunda a sexta	13h30 - 14h20
CORREIO ESPORTE	Esportivo	Segunda a sexta	14h20 - 14h40
CIDADE ALERTA PARAÍBA	Jornalístico	Segunda a sexta	16h45 - 17h40
JORNAL DA CORREIO	Jornalístico	Segunda a sexta	19h00 - 19h45
MELHOR ESCOLHA	Variedades	Sábado	13h10 - 13h40
CORREIO CIDADES	Variedades	Domingo	10h00 - 10h30
CANTOS E CONTOS	Musical	Domingo	08h00 - 09h00

Fonte: Elaboração própria, a partir do portal TV Correio, em maio de 2021.

A grade de programação da TV Correio é focada em produtos jornalísticos. Ao todo, a emissora produz uma média de 5 horas diárias de programação. Ao longo de sua história, o *Correio Verdade* mantém-se como o programa de maior audiência da televisão paraibana e o principal produto da emissora. Seu formato reproduz estratégias similares aos programas policiais que dominam a paisagem televisiva brasileira. Nas palavras de seu fundador, o apresentador Jota Júnior, em entrevista à autora em 2014, afirma que o programa foi idealizado como um *Aqui e Agora*, produto popular do SBT voltado para a cobertura policial nos anos 1990. Seu formato incorpora elementos do rádio como uma de suas principais características. É deste meio de comunicação que seus apresentadores e principais repórteres são oriundos, conforme destacamos no Quadro 02, que analisa os profissionais envolvidos nos episódios estudados.

Nossa amostra considera dois momentos do programa em que, mesmo separados por uma década, observa-se a preservação dos elementos característicos da produção, a saber: 1) Cobertura dos principais fatos policiais da capital, região metropolitana de João Pessoa e de algumas cidades paraibanas; 2) Mediação com amplo espaço para comentários; 3) Publicidade inserida no interior do programa; 4) Exploração da sonoplastia como parte da narrativa; e o 5) Desenvolvimento de feiras de serviço.

Quadro 02 – Análise descritiva dos profissionais analisados.

NOME	PERFIL	OBSERVAÇÃO
SAMUKA DUARTE	Radialista e apresentador. Esteve à frente do programa <i>Correio Verdade</i> entre 2011 e 2021. Atualmente, apresenta o programa <i>Cidade em Ação</i> na TV Arapuan, afiliada à RedeTV! em João Pessoa/PB.	Apesar de cogitar candidatura em todas as eleições da última década e de ser cotado nas pesquisas de pré-candidatura, o apresentador não concretizou este projeto.
NILVAN FERREIRA	Radialista e apresentador. Apresenta o <i>Correio Verdade</i> desde 2021. Foi apresentador do programa <i>Correio da Manhã</i> entre 2017 e 2020, quando se afastou para campanha política.	Candidato a Prefeito de João Pessoa pelo MDB em 2020. Foi Secretário de Comunicação da Prefeitura Municipal de Bayeux na gestão do prefeito Jota Júnior. E Secretário de Comunicação de Cajazeiras na gestão do prefeito Carlos Antônio de Oliveira.
EMERSON MACHADO	Radialista e repórter policial. É o principal repórter do programa <i>Correio Verdade</i> desde 2011.	Candidato a Deputado Federal pelo Avante em 2018.

Fonte: Elaboração própria.

Além da aproximação com o rádio, compartilhada entre os profissionais vinculados, a partir de uma análise mais abrangente do formato, também é possível apontar como característica o uso político do programa como um elemento determinante no processo de mediação. No ano seguinte a sua criação, seu apresentador chegou à prefeitura da cidade de Bayeux, região metropolitana de João Pessoa, do qual foi prefeito entre 2004 e 2012 pelo PMDB.

À frente do *Correio Verdade*, Jota Júnior tinha como principal marca em seus comentários o aconselhamento religioso cristão, que abria e encerrava os episódios. Sua comunicação direta apelava especialmente para as espectadoras que ele classificava como “suas vovós”. O aconselhamento religioso também está associado ao desenvolvimento de ações assistencialistas. Muito embora fossem frequentes as situações em que o apresentador se colocasse como “defensor do povo”, as manifestações da raiva e da indignação não lhe eram traços característicos. Jota Júnior nas ocasiões em que externava esta emoção entoava entre os seus sermões o bordão “endoideça não”.

No fim de 2010, há uma modificação no processo de mediação do programa, que perdia paulatinamente a audiência para seu principal concorrente no período: o programa *Cidade em Ação*, da TV Arapuan, afiliada da Rede TV!. Naquele momento, torna-se flagrante a incompatibilidade entre o formato e os apresentadores que substituíram o comunicador fundador, que eram oriundos do jornalismo e da publicidade. A concorrência citada apostava em uma dupla de comunicadores do rádio: o apresentador Samuka Duarte e o repórter Emerson Machado. Ambos associavam elementos cômicos e apelidos que os tornaram populares, os rompantes de raiva do apresentador resultaram na alcunha “Samuka Boy Doido”.

Em novembro de 2010, o Sistema Correio de Comunicação contrata a dupla para assumir o programa *Correio da Manhã* na rádio e o *Correio Verdade* na televisão. Em comparação ao apresentador Jota Júnior, Samuka Duarte reproduz o aconselhamento religioso e o desenvolvimento de ações assistencialistas, mas explora também o viés cômico em suas abordagens. Parte de suas performances cômicas e de raiva estão compiladas no seu canal de *Youtube*³ em vídeos com média de 1 minuto, aspecto que reforça o capital simbólico de que os comentários mobilizados em torno destas emoções circulam e reverberam para além do produto televisivo.

Do ponto de vista do formato, o programa *Correio Verdade* é composto basicamente pela apresentação das notícias do dia, intercaladas pelas participações de anúncios de patrocinadores. O apresentador incorporou elementos cênicos, imagens e bustos pessoais e um cassetete improvisado e um cajado, ao qual recorre na dramatização da raiva. São comuns também situações em que nestes momentos o apresentador retira o paletó, o cinto e os sapatos, como se desejasse mais conforto e aproximação com os espectadores.

Parte dos quadros do programa tem veiculação intermitente, como foi o caso do *Café com Samuka*. E o quadro *Caravana da Verdade*, feira de serviços que mensalmente percorreu periferias da capital e em algumas cidades da Paraíba, sendo interrompida apenas no período de campanha eleitoral. A partir de 2017, o quadro passou a ser denominado como *Caravana Correio* e mais tarde integrou-se à plataforma de

³ Canal Samuka Duarte TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCDRL6An5YYh5hHNj4h9UJHg>. Acesso em: 13 maio 2021.

mobilização do programa *Correio da Manhã*, então apresentado por Nilvan Ferreira, com pretensões políticas à disputa pela capital⁴.

Do ponto de vista político, Samuka Duarte desenvolvia estratégias distintas de seu antecessor. O apresentador não ocupou cargos eletivos, mas desde sua ascensão ao programa foi cotado nas pesquisas eleitorais municipais e estaduais. Este capital político foi na última década uma importante moeda do apresentador. Em 2011 e 2012, o comunicador foi filiado ao PSB e em 2014 filiou-se ao PEN. Em 2018, anunciou filiação no Avante, partido pelo qual o repórter Emerson Machado se lançou deputado federal, mas não logrou êxito.

Efetivamente, a filiação e a candidatura não aconteceram. No entanto, Samuka Duarte usufruiu da visibilidade e da popularidade a frente da atração e tem pontuais associações com a política, embora se apresente como distante dela. Em 2018, o apresentador foi condenado pelo acúmulo ilegal de cargos em prefeituras da região metropolitana e adjacências⁵. Diante da incompatibilidade de horário, o comunicador declarou em juízo ter trabalhado como assessor de comunicação de cinco prefeituras, mas não comprovou vínculo efetivo. A denúncia do Ministério Público reforça a existência de uma espécie de folha paralela entre prefeituras paraibanas e o comunicador.

Este é um dos exemplos de como os vínculos políticos perpassam a programação da TV Correio. Em 2021, Samuka Duarte não teve seu contrato renovado sendo substituído por Nilvan Ferreira, que retornava para a televisão após uma campanha política surpreendente à prefeitura de João Pessoa pelo MDB.

Ferreira disputou a prefeitura da capital com importantes figuras políticas locais e chegou ao segundo turno derrotando lideranças políticas como Ricardo Coutinho (PSB), ex-governador da Paraíba por dois mandatos e Ruy Carneiro (PSDB), deputado federal. O partido escolhido tem longa afinidade com a emissora de televisão ao qual estava empregado. Naquele momento, o MDB na Paraíba era liderado pelo Senador Zé Maranhão, do qual o dono da emissora foi suplente. Nilvan Ferreira não logrou o êxito

⁴ Estes quadros têm formatos muito similares a comícios: o programa é apresentado a partir de um palco a partir do qual personalidades políticas, artísticas, religiosas e patrocinadores se apresentam, associada a distribuição de benesses e serviços públicos e privados.

⁵ Além dos salários que recebia como concursado da prefeitura de Santa Rita, Samuel de Paiva Henrique foi condenado por improbidade administrativa na Ação Civil Pública Cível (0000944-63.2015.8.15.0331) por acumulação dos cargos nos municípios de Bayeux, Mari, Marcação e Sapé.

esperado, mas teve uma importante ascensão e um reposicionamento na grade da emissora. Estes episódios são importantes para identificarmos como o formato do programa está associado às dinâmicas da política local e especialmente da região metropolitana da capital.

Embora não seja nosso objetivo comparar o programa *Correio da Manhã*, a partir do qual o apresentador Nilvan Ferreira se lançou à política com o *Correio Verdade* neste artigo, é importante destacar que neste espaço e em seu programa de rádio o *Correio Debate* no sistema Correio a raiva também ocupou lugar de destaque.

Ferreira protagonizou no ano que antecedeu sua candidatura diferentes polêmicas com políticos adversários, dentre eles a deputada estadual Estela Bezerra (PSB). No *Correio da Manhã*, o apresentador adotou como elemento cênico uma caneca com a identidade visual do programa e sua imagem, distribuída nas feiras de serviço promovidas pela cidade pelo menos no ano anterior à eleição. O mesmo elemento cênico é adotado no programa *Correio Verdade* desde o começo de 2021. Como o apresentador anterior, compartilha-se também a denúncia da existência de uma folha paralela entre algumas prefeituras municipais da Paraíba e o apresentador. Sua esposa Fernanda Gonçalves Bernardino foi denunciada como funcionária fantasma de cinco prefeituras em maio de 2021 pelo Ministério Público e é investigada como suspeita de atuar como laranja do marido.⁶ Estas denúncias demonstram a prevalência de características que superam os limites da descrição meramente técnica de um produto televisivo que acreditamos ser central para entender os vínculos que se estabelecem a partir dos meios de comunicação, especialmente de abrangência estadual.

3 ANÁLISE DOS CASOS

O estudo de Ayane Almeida, Rene Almeida e Wilson Oliveira (2015) afirma que precisamos compreender não apenas as pistas acústicas presentes na manifestação desta emoção. Para os autores, é preciso compreender que os sinais desta emoção na fala não são consistentes em todos os indivíduos e todas as ocasiões. Dessa forma,

⁶ Bernardino é denunciada por manter vínculos como Assessora Executiva da prefeitura de Bayeux, Assistente Administrativa, Auxiliar Administrativa e Digitadora da cidade de Santa Rita e Dentista da cidade de João Pessoa, pelo inquérito civil 001.2021.017950 do Ministério Público do Estado da Paraíba.

reforçam que necessitamos elaborar descrições sistemáticas de suas propriedades para comparações adequadas entre línguas e culturas.

Como destacamos na seção anterior, é significativa a incorporação da dinâmica da política local no processo de desenvolvimento do programa. E não é à toa que a conduta raivosa do apresentador e dos repórteres se associe também à imagem que desejam construir diante de seu público.

As condutas raivosas partem de um cálculo político mais sutil. No caso brasileiro, especialmente, a negação das animosidades existente nas relações sociais é uma característica intrínseca que tem sido apontada desde os anos 1930 como um elemento definidor da identidade e do caráter nacional, como parte das Raízes do Brasil, conforme o clássico de Sérgio Buarque de Hollanda. Para João Freire Filho, Julia Anjos e Amanda Lopes (2019), a pretensa cordialidade é uma estratégia para mascarar a intolerância, os preconceitos e a brutalidade presentes em nossas relações sociais e políticas. Sob nosso ponto de vista, é bastante singular observarmos como estes programas apostam justamente na contramão e essa cordialidade passa a ser elaborada sobre outros propósitos.

Observar como estes discursos são elaborados, portanto, é fundamental para que possamos compreender o real impacto social da mídia. No contexto mais recente, urge compreender como o que denominamos como discurso de ódio se assenta na realidade brasileira e suas nuances. Neste sentido, o trecho a seguir aponta para uma importante questão:

É um equívoco teórico e político, contudo, tratar o ódio como algo exótico e alheio, radicado apenas na mente de indivíduos estranhos ou transtornados; por mais desagradável que seja, devemos reconhecê-lo como parte integrante de discursos, saberes, símbolos, crenças, interações e decisões institucionais que regem a vida nas complexas sociedades modernas. Perceber como o ódio está presente na cultura e na sociedade, de maneira latente ou explícita, exercendo papel ativo nas relações de poder, torna-se particularmente relevante quando discutimos as opressões de gênero. (FREIRE FILHO; ANJOS; LOPES, 2019, p. 63).

A raiva, desta forma, não é apenas a manifestação de desapareço com relação a algo. Mas uma parte integrante do discurso e do conjunto de interações em que estes programas se situam nas redes de resolução de problemas nas quais são atuantes. A seguir, discorreremos sobre cada um dos fragmentos analisados com o intuito de identificarmos as conexões promovidas pelos apresentadores e o repórter estudado.

3.1. A raiva como antônimo da indiferença

No caso da prisão de Abner Machado Pereira Neto, o encontro do repórter Emerson Machado, no dia 29 de julho de 2011, foi permitido pela polícia com exclusividade para o programa. A mesma instituição já havia organizado uma coletiva de imprensa na qual anunciava a prisão do acusado e permitia interrogatório público. Na entrevista concedida exclusivamente para o Sistema Correio, o acusado é enquadrado sem camisa, de costas e algemado, embora tenha reiteradas vezes feito declaração de que não teria mais nada a falar à imprensa.

A forma como o preso é enquadrado pelas câmeras e o modo do repórter interrogá-lo de partida já nos mostra a intenção de puni-lo publicamente. Na entrevista, outro aspecto nos chama a atenção: a quantidade exagerada de tempo dedicado às referências e agradecimentos às autoridades policiais. Além de transparecerem a força das relações face-a-face, reveladas pela constante referência às patentes e aos títulos, demonstra as amarras que se estabeleceram entre produção e a instituição pública, conforme observamos no trecho a seguir:

Boa tarde! Telespectadores da TV Correio. Exclusivo para o Correio Verdade. Alô Paraíba, pode aumentar o volume das tevês, a Paraíba inteira agora vai acompanhar. Pela primeira vez, preste atenção! Nós estamos ao vivo aqui da Central de Polícia. Quero agradecer a grande delegada Doutora Joana D'arc, o Doutor Gilson, Doutora Daniele de Cunha. A todos da polícia civil da Paraíba. Ao secretário Cláudio Lima, esse brilhante secretário de segurança pública. Agradecer a todos os policiais militares, o Tenente Coronel Sousa Neto. Todos do serviço de inteligência da Polícia da Paraíba. A todos, eu quero agradecer a todos os policiais. Olha, presta atenção. Todo acusado tem direito de defesa. Após três dias da sua prisão, nós estamos aqui ao lado dele. O carioca acusado de praticar... ele está sendo tratado pela imprensa brasileira, já que o caso ganhou repercussão nacional. Mostra aqui [pedindo para o cameraman focar na delegada] a brilhante delegada Doutora Joana D'arc... (MACHADO, *ofegante*, 29 de julho de 2011).

O protagonismo da raiva em apresentadores de TV | Aires

Durante a sua interação direta com o estuproador, Machado interrompe a abordagem diversas vezes para retirar pessoas, pedir calma aos presentes, alterar o cenário da matéria, convocar a atenção dos telespectadores, fazendo tudo isso com bastante autonomia. O êxtase do repórter em estar diante do que denominou de “maior estuproador do Brasil” o levava a não conseguir controlar a própria voz, em uma evidente pista acústica da raiva (ALMEIDA, ALMEIDA E OLIVEIRA, 2015). Visivelmente exaltado, Machado clamava ao entrevistado a cada pergunta para que ele dissesse a verdade. E prosseguia o questionário mesmo depois de sussurros do detido: “Quantas você estropou? Diga a verdade! Diga a verdade! Revele para a gente”. Na sequência “Você pegou a sua enteada, sentiu alguma vontade? Você foi violentado quando era criança? Você ficou frustrado com isso daí, é?”. Repetindo perguntas sem mesmo abrir espaço para o questionado.

As perguntas exigiam do entrevistado negações ou afirmações e partiam do repertório oferecido pela polícia. Porém, no contexto em que eram feitas, exploravam o que ele já demonstrava não conseguir responder. Foi quando Machado perguntou “O que você quer agora?”. E o preso concluiu dizendo que desejava pedir perdão. Foi então que o repórter ordenou: “Olhe para câmera e peça perdão”. Respondendo que não tinha mais coragem, o estuproador é questionado pelo apresentador: “Então você teve coragem de estropar e agora não tem coragem de pedir perdão?”. O apresentador e o repórter se dividem em questionar a ausência de coragem do entrevistado e a tentar convencê-lo de que aquela entrevista tem o objetivo de abrir espaço para que ele se defenda diante da sociedade. Na verdade, trata-se justamente do contrário: um espaço onde ele está sendo pública e sumariamente condenado. Afinal, o que se evidencia nas telas é a completa ausência de simetria entre as vozes autorizadas e a do entrevistado, estruturada nos limites de uma narrativa suficientemente poderosa para ditar a voz a ser ouvida.

Emerson Machado tenta convencê-lo a sentir-se à vontade diante das câmeras dizendo: “Atenção! Preste atenção! A Paraíba parou agora. Olhe para mim. Olhe nos meus olhos. Eu quero olho a olho. Eu não vou lhe matar, nem você vai me matar! Primeiro porque você está amarrado e eu estou solto, mas não mato ninguém”. Neste

momento, mais uma vez a retirada da condição de humano se expressa na dicotomia entre o “estar amarrado” e o “estar solto e conseqüentemente não matar ninguém”. Isto é, a reportagem esvazia o poder de ação do estuprador por ele estar algemado e esvazia o poder de fazer mal ao outro, o repórter, por estar solto e, talvez, trabalhando.

Emerge daí o que mais adiante Emerson Machado vai manifestar mais claramente: sua percepção de atuação profissional. Machado não controlava o desejo de materializar a sua proximidade “exclusiva” como o acusado, exigindo: “Olhe para mim! Deixe eu pegar no seu cabelo agora! Eita! olha eu pegando na sua cabeça. A Paraíba toda está vendo ao vivo! Ao vivo!”. O repórter assanhava os cabelos do entrevistado, brincava com suas orelhas, quando foi interrompido pelo apresentador dizendo que muitos se recusariam a pegar naquela cabeça. “Mas eu estou pegando!”, concluiu incrédulo.

Além do grande entusiasmo que demonstrou em estar cara a cara com quem estava sendo considerado como o “maior estuprador do Brasil”, Machado deixou claro que aquele era o seu momento de realização profissional como demonstramos na transcrição abaixo:

Eu quero dizer que nessas horas, eu e você temos uma responsabilidade muito grande! Vem aqui, por favor! [*chamando a câmera*] Eu tenho tempo, Cristina? [*Diretora do programa*]. Se não tiver tempo, pode falar, hoje pode me demitir, pode me botar para fora. Porque hoje eu estou realizado. Hoje eu quero dizer a Paraíba que estou realizado. Eu e Samuka Duarte, nós já estamos realizados. Se não fizemos mais nada na Paraíba até eu morrer, nós já estamos realizados. Já cumprimos o nosso dever, mas eu quero dizer que não posso reagir como um ser humano qualquer, normal. Não posso. Estou diante de uma câmera ao vivo, está o estado inteiro ligado. A vontade que me deu agora, naquele alisado na cabeça dele, era decepar a cabeça dele, mas eu não posso decepar. Os Direitos Humanos. Eu ia ser preso. Quem ia para a carceragem era eu. Não posso, eu tenho de me controlar. Doutora, [*referindo-se à delegada*] pegue nas minhas mãos aqui, por favor. Diga como está, diga a verdade, diga para Samuka ouvir. [*ela responde: - está gelada*] **Eu estou frio, Samuka.** (MACHADO, 29 de julho de 2011) [*grifos nossos*]

O repórter confunde a sua responsabilidade, como um sujeito da mídia, com o fato de ter controlado o desejo de decepar a cabeça do entrevistado e se sente realizado pelo contato direto que estabeleceu com o estuprador. Machado reforça a desconstrução diária comumente promovida pelo telejornalismo policial dos Direitos Humanos, declarando que o controle que acreditou ter, o protegia do poder dos “Direitos Humanos” de incriminá-lo em nome da defesa do bandido.

Na visão romântica, a emoção é avaliada positivamente de maneira implícita, como um aspecto da “humanidade natural”, ela é (ou pode ser) o lugar da percepção honesta, pura, ilibada, contrapondo-se à racionalidade artificial da civilização. Apesar de se aproximar do desejo popular de justiça, Machado distancia-se da reação natural “de um ser humano qualquer, normal”. Ao pedir o testemunho da delegada que acompanhava o caso, para provar que estava como supunha estar o público diante do acusado, Machado contraria o protocolo jornalístico que naquela circunstância para ele soaria como indiferença. Concluímos então que o repórter acreditou ter adotado a postura correta diante da situação. De frente com o preso, evitou se dirigir a ele de modo pejorativo. E paradoxalmente afirmava ter interesse em deixá-lo à vontade para que pudesse se defender e pedir perdão a sociedade. Mas em outras matérias não evitou denominá-lo como monstro. Terminada a entrevista com o suspeito, é passada a palavra para o apresentador. No seu momento, munido do seu “cajado”, Samuka Duarte o bate várias vezes no chão do estúdio, como se assim pudesse extravasar a sua raiva e vocifera contra os representantes dos Direitos Humanos e contra o acusado. Recompondo-se para realizar uma entrevista agora com a autoridade policial responsável pela prisão do suspeito.

Nesta ocasião, o apresentador acompanha o sentimento de raiva que se manifesta com o seu companheiro de trabalho, reforça os elogios à polícia e busca deixar ainda mais claro o seu envolvimento emocional com o caso. O sentimento de indignação manifestado por ele pretende ser o mesmo de sua plateia. A informação, portanto, é apurada em um contexto enviesado pelo emocional e é construída após uma longa epígrafe, cujo repertório é de engrandecimento do trabalho policial, mas também uma fala política polarizante (o bandido é o monstro e a polícia é o herói, digno de condecoração).

Samuka Duarte define o seu espaço social, político e econômico, clamando o reconhecimento das autoridades policiais por outros poderes, através da sua competência técnica, solidificada no seu dia a dia de trabalho e pela valorização do espetacular. É necessário salientar que não se trata de classificar como negativa a ação da polícia no caso, muito embora a exposição do suspeito não encontre amparo legal,

mas trata-se, sobretudo, de se preocupar com o exercício jornalístico pouco questionador e desconfiado.

3.2 Tirem as crianças da sala, “sou sensacionalista mesmo”

O outro caso que adotamos para refletir sobre a importância da raiva na performance política do apresentador e sua equipe resulta da adoção de táticas radicalmente antiéticas para a conquista da audiência. Em 30 de setembro 2011, o “Correio Verdade” exibiu na íntegra um vídeo do estupro de uma adolescente na cidade de Bayeux. O crime foi filmado por um dos estupradores e foi reproduzido durante toda a edição daquele dia.

A matéria foi anunciada durante a atração e antes de ser exibida, o apresentador solicitou que as famílias retirassem as crianças da sala. Mais do que anunciar a gravidade do que seria exibido, o “cuidado” em alertar as famílias parecia suficiente para eximir de responsabilidade a produção. Ao longo da atração, o apresentador pediu a atenção da audiência: “Atenção! Vocês vão ver uma história de estrear... uma estudante de treze anos... violentada... tudo foi filmado... Vocês aguardem porque as imagens vocês vão ver aqui como foi. São chocantes!”, anunciou Samuka Duarte, às 12h29. Cinco minutos depois, descreveu a cena, “Olha o cara tirando a roupa dela aí, ó. Só um trequinho. Depois a gente vai mostrar tudo”. Poucos minutos depois sugeriu que a adolescente “Tá como se estivesse dopada”. Para finalmente, às 12h54, exibir por completo.

Antes mandou beijos para os aniversariantes do dia. O carinho com o público antecedeu o rompante de raiva de Samuka Duarte. Mais uma vez com seu cajado na mão, Duarte encaminhou um caloroso recado para os críticos do programa, chamando-os de os “hipócritas”, os “demagogos” e os “intelectuais de meia tigela”, retirando o paletó, batendo o cajado nas paredes do estúdio e vociferando contra eles. Conforme transcrevemos a seguir:

Agora um caso em Bayeux, agora é o caso de Bayeux, agora é o caso que vai chocar a Paraíba. Atenção! Um funcionário de uma escola do estado... E eu já fico virado [*batendo o seu cajado em várias partes do cenário do programa, com intervenções da sonoplastia*]. Eu fico virado! Depois vão dizer que eu... Que eu... Vão dizer que eu faço sensacionalismo! Faço, pronto! Vocês que são demagogos! Ó, vocês que são hipócritas! Vocês que são intelectuais banda de tigela! Vocês que dizem que a imprensa é sensacionalista. Samuka é sensacionalista. Samuka faz... Faço! Porque não é com você o que nós vamos mostrar agora! O que nós vamos mostrar... Eu peço para que as crianças saiam da sala. O que nós vamos mostrar agora se fosse com uma filha sua, com uma irmã sua, vocês eram os primeiros a ligar para mim: "Samuka, bote aí a matéria, defenda!". Vocês estão querendo fazer o jogo de quem? Vocês estão querendo fazer o jogo de quem? Vocês hipócritas, falsos, demagogos, vocês que me criticam porque eu tenho esse jeito de apresentar programa. Tenho! E foi com este jeito que eu "comi" a parada. 70% da população da Paraíba gosta deste programa, pela minha forma de falar a linguagem do povo. Só faz programa como eu faço quem tem coragem. Quem tem rabo preso, covarde não apresenta programa como eu apresento. Atenção! Atenção no que vocês vão ver agora. Porque isto é uma vergonha! Quem tiver com raiva de mim, pegue este cara e bote com a sua filha de 13 anos! Ai, eu quero ver você dizer que eu sou sensacionalista! Sou com muito orgulho! Porque eu defendo o povo da Paraíba! Eu defendo o homem de bem, as mulheres de bem, as crianças de bem! Veja aí, mostra ai, vai! (DUARTE, Programa Correio Verdade, 30 de setembro de 2011).

Depois desta introdução, a matéria produzida pelo repórter Jerônimo Ferreira foi exibida. A reportagem relata o caso da garota que foi violentada pelo inspetor e um aluno da sua escola, teve o ato filmado e o conteúdo do vídeo distribuído entre vizinhos e amigos. Após a exibição, o apresentador explicou a opção da produção em alterar a qualidade da imagem e o áudio da fala do pai da garota, alegando respeito à família da vítima. Embora o bairro e a escola da vítima tenham sido revelados pela reportagem.

Sob o pretexto de exibir a imagem do estuprador, no entanto, Samuka Duarte solicitou à equipe a reprodução da imagem do vídeo do estupro mais uma vez, para que o público pudesse reconhecer o agressor, muito embora no vídeo o estuprador só apareça de costas e a polícia já soubesse de quem se tratava. Este tipo de apelo se baseia na concepção de que a justiça brasileira é demasiado lenta e que não é capaz de penalizar adequadamente, concepção esta compartilhada por parte do público que consome estes produtos.

Após a exibição da matéria, afirmando ser um espaço de defesa e de respeito das famílias, Samuka Duarte explicou o motivo de ter embaçado as imagens do pai: vergonha em ver a sua filha exposta. Explorando o ato violento para conquistar

audiência, desconsiderou-se a sua gravidade para reforçar a vergonha da família em vivenciar aquela situação. Embora o apresentador tenha demonstrado revolta com o episódio, tenha classificado o ato do inspetor como de um “canalha”, em nenhum momento ponderou-se a gravidade da situação a qual a vítima foi submetida e todo o pesar sobre o acontecimento recaiu sobre a situação da família, em especial, do pai que, ao lado de representantes do conselho tutelar, foi entrevistado.

Segundo informações da matéria, o pai soube da violência depois de ser interpelado por amigos que viram as cenas do estupro nos vídeos que circularam na região em que vive a garota. Focando na “vergonha” do pai diante da situação, a produção retirou o papel de vítima da adolescente e o transferiu para o seu pai. Esta perspectiva reflete a matriz machista da cultura brasileira, que usurpa a passividade da vítima para imputar-lhe a culpa. A mesma matriz que deposita culpabilidade nas vítimas pelo tamanho da sua roupa ou pelo horário que circulam nas ruas, por exemplo.

As imagens do estupro, segundo a produção do programa, foram entregues à redação pela própria família da garota, solicitando a “defesa” do caso dela no programa. A mesma situação aconteceu no Ceará, no mês de janeiro de 2014, quando a família de uma garota de 9 anos entregou ao programa *Barra Pesada* da TV Jangadeiro as imagens do estupro da filha, cometido pelo vizinho que era pedreiro e fazia uma reforma na casa. A mãe, que trabalha com vídeos, deixou uma câmera ligada na sala e capturou o momento do crime. Isto acontece, pois há uma crença cultivada e difundida na sociedade pela família da vítima de que entregando as imagens para a televisão está se buscando a justiça.

No caso em análise, para referir-se ao estupro da menor, o apresentador utilizou o termo “serviço”. No programa, sugeriu-se que a garota poderia estar dopada. Este questionamento do estado de consciência da vítima inspirou-se nas redes sociais, no qual o conteúdo também foi veiculado, a partir da deplorável hipótese de que adolescente estava gostando do que estava acontecendo com ela. Samuka Duarte vociferou o seu orgulho em ser considerado sensacionalista argumentando que, diferente dos demais profissionais de sua área que se recusaram a exibir as imagens, não estava colocando a “verdade” e a sujeira para “debaixo do tapete”.⁷

⁷ O caso foi noticiado em outras emissoras, que optaram em não exibir as imagens da vítima.

3.3 A raiva da vítima

Em abril de 2021, um caso ganhou destaque na pauta policial da Paraíba e de Pernambuco. Uma jovem da cidade de Caruaru foi encontrada morta em um matagal na Paraíba após ter vindo visitar um amigo na capital do estado. A suspeita sobre sua morte recaí sobre o seu amigo e sobre o crime pairam uma série de dúvidas em virtude de objetos encontrados na casa do jovem suspeito.

A vítima, antes de seu desaparecimento, relatou um comportamento estranho do amigo à família que durante a visita a manteve, segundo informações dos familiares, em cárcere privado. A polícia divulgou objetos encontrados na casa do rapaz que o associariam a práticas de magia negra e uso de drogas. A mídia local cobriu amplamente o caso e estabeleceu parcerias com outras emissoras do estado vizinho. O suspeito foi encontrado dois dias depois do crime e preso. A prisão foi o centro do debate da edição do *Correio Verdade* em 28 de abril de 2021 e dos dias seguintes. O apresentador mediu uma série de reportagens e informes publicitários, que ocupou $\frac{1}{3}$ da edição. Ao final das reportagens o apresentador teceu seu comentário em um tom inflamado e como um apelo à juventude, conforme destrinchamos abaixo:

A menina se arriscou demais. Podia estar com os pais e com a mãe lá em Caruaru, né? Se envolveu com gente errada, né? É o que a gente diz todo dia aos filhos da gente em casa. Repete e os filhos não querem escutar. E eu nunca vi quem desobedece aos conselhos do pai se dar bem. Todo filho que desobedece ao conselho dos pais, achando que o pai tá errado. Que o pai é arcaico. Que o pai é isso... “- Ah, papai, e porque o senhor é quadrado e porque o senhor vive no tempo antigo. E porque o senhor é velho!” É a nossa experiência de vida, mesmo sendo chamado de velho, de quadrado e de ultrapassado que diz o que é certo e o que errado. Eu nunca vi conselho de pai e de mãe quebrar no chão. Eu já disse isso aqui e por onde passei: Todas as vezes que eu desobedecei a meu pai e minha mãe, eu me “torei no meio”. “- Nilvan, não faça isso”, aí eu ia com minha cabeça de juventude irresponsável e quebrava a cara. Todas as vezes. “- Num faça isso, não vá”... eu ia, quebrava a cara e voltava com a carinha “-Oh... ai pai, me desculpe”. (FERREIRA, 28 de abril de 2021).

A raiva surge neste caso como um desabafo pessoal do apresentador, que destaca suas vivências pessoais para expressar a raiva diante do acontecimento. Seu discurso se desdobra em um sermão sobre o processo de criação dos filhos e sobre o uso dos meios de comunicação, conforme trecho a seguir:

O protagonismo da raiva em apresentadores de TV | Aires

Nós precisamos mudar o jeito de criar nossos filhos. Nós estamos numa libertinagem que não tem sentido. As redes sociais estão prejudicando e avacalhando os filhos e os prejudicando. E uma juventude que não escuta a experiência de pai e de mãe. A juventude prefere escutar um maconheiro, um drogado, um assassino, um tarado, do que escutar o pai e a mãe. E ou não é verdade o que eu estou dizendo? Se você não tem um exemplo dentro de casa, tem um vizinho que está ajudando você. Quantas vezes seu pai e sua mãe disseram: “-não vai, não, minha filha?” E agora vem o pior terror da vida. Por que esta libertinagem que a gente tá vivendo, sem regra, termina acontecendo isso? E famílias estão sendo destruídas pela internet. Porque geralmente não era o caso dela, mas geralmente o que a gente noticia e que conheceu fulano pela internet, se envolveu sem saber o que é. O cabra passa uma impressão pela internet, na verdade e outra: é um bandido. Essa é a realidade que nós estamos vivendo. Olha a capacidade do cara! A imagem captada da moto dá pra ver as pernas dela penduradas. Um cara desse não tem medo de nada. Um cara deste está possuído pelo demônio. Difícil... (FERREIRA, 28 de abril de 2021).

De modo geral, a raiva do apresentador se dirigiu aos filhos que desobedecem aos pais, categoria que naquele momento as informações obtidas enquadravam a jovem assassinada. Ferreira construiu nesta ocasião uma performance de raiva que manifestava seu furor contra a desobediência da juventude, já que a jovem que se colocou, sob seu ponto de vista, em uma situação de risco sem mensurar a violência de que poderia ser vítima de um jovem que, embora seu amigo, estaria possuído pelo demônio. O discurso deposita, como o caso anterior analisado, culpabilidade na vítima, que teria sido traída pela desobediência aos pais e pelo excesso de confiança em um amigo.

A raiva neste contexto ascende não só como um desabafo social, mas sim como uma dupla identificação: do apresentador como a vítima e do apresentador como o pai. E, neste sentido, a manifestação de raiva contempla os envolvidos no episódio e seu público.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A manifestação da raiva se expressa como parte da rotina produtiva de programas populares sensacionalistas e, sob o nosso ponto de vista, está articulada com o processo de construção mítica destes profissionais, especialmente pela habilidade desta emoção em apresentar-se como um sentimento contrário à indiferença. No

contexto de produção de programas deste gênero, a conduta raivosa se apresenta como benéfica e favorece uma visão positiva da imagem do comunicador que a manifesta, pois o distancia de outras condutas consideradas desviantes e nocivas ao bem-estar da sociedade.

Este modo diferenciado de lidar com as emoções no ambiente de um produto midiático que se espelha no modelo de um telejornal, gera alterações significativas na organização do telejornalismo brasileiro, não apenas pela disputa por audiência que se estabelece entre emissoras, mas por alterar o modelo de interpelação entre produção e público.

Apontamos como um desdobramento transmidiático em que trechos com este perfil são pinçados pela produção dos programas e disponibilizados em outras plataformas para que circulem em ambientes como o *WhatsApp*, por exemplo. Apesar de não ter sido nosso objetivo investigar este aspecto, não é possível excluir esta conclusão. Trata-se de característica básica da produção de programas similares recentemente lançados no país, a exemplo do *Alerta Nacional*, apresentado por Sikêra Júnior, veiculado nacionalmente pela Rede TV! em parceria com a amazonense TV A *Crítica*. As performances raivosas e jocosas entrelaçam o processo de apresentação e mediação das reportagens e são divulgadas como pílulas para o *Youtube* e *WhatsApp*. Este profissional em específico foi concorrente do programa e da emissora analisados entre 2017 e 2019, quando Sikêra Júnior apresentou o programa *Cidade em Ação* na TV Arapuan.

A explosão de fúria dos apresentadores e do repórter nos casos que analisamos reforça o papel político que estes desempenham perante seu público, especialmente por colocá-los como sujeitos próximos à realidade e como profissionais capazes de manifestar emoções como seu público. Além das pistas acústicas que implicam em um modo de falar mais veloz, áspero e agudo, associa-se a postura corporal e significativa interação com os elementos cênicos como o cassetete – tradicional elemento de apresentadores do gênero como Ratinho - sonoros e de enquadramento. Estas características demonstram a importância da manifestação da raiva no desempenho de apresentadores e repórteres.

Tal aspecto é crucial para entendermos como as violações de direitos humanos evidentes na cobertura dos casos 1 e 2 analisadas se estruturam na mídia brasileira. O vínculo estabelecido é mais sutil do que é possível descrever e se mistura aos papéis sociais do conselheiro religioso, “gente como a gente” e do pai cuidadoso que estes comunicadores encarnam.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ALMEIDA, Ayane Nazarela; ALMEIDA, René Alain Santana de; OLIVEIRA, Miguel; A velocidade da fala como pista acústica da emoção básica de raiva. **Revista Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 198-211, 2015.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UNB, 2019.
- FEUER, Jane. Genre Study and Television. In: ALLEN, Robert (ed.) **Channels of discourse**. University of North Carolina: Pressa, 1992. pp. 113-133.
- FREIRE FILHO, João. **Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2010. 296p.
- FREIRE FILHO, João; ANJOS, Júlia; LOPES, Amanda Rezende. A ocultação do ódio: mídia, misoginia e medicalização. In: HELLER, Barbara; CAL, Danila; ROSA, Ana Paula da (org.). **Midiatização, (In)tolerância e Reconhecimento**. Salvador: EDUFBA, 2020. p. 61-81.
- HALLIN, Daniel C.; MANCINI, Paolo. **Sistemas de media: estudo comparativo**. Três modelos de Comunicação e Política. Lisboa: Livros Horizonte, 2010.
- MULDOON, Paul. **The moral legitimacy of anger**. *European Journal of Social Theory*, v. 11, n. 3, p. 299-314, 2008
- NUNES, Márcia Vidal. **Rádio e Política: do microfone ao palanque os radialistas políticos em fortaleza (1982 – 1996)**. São Paulo: Annablume, 2000
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SOBRE A AUTORA

Janaíne Sibelle Freires Aires

Professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do EPA! - Grupo de Pesquisa em Economia Política do Audiovisual. Integra o Grupo de Pesquisa Políticas e Economia da Informação e da Comunicação. Colaboradora do Grupo de Pesquisas Geografias da Comunicação Regional, do Pragma/UFRN e voluntária do Projeto Cinestésico - Cinema e Educação/UFPB.

E-mail: janaineaires@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6551-5297>

COMO CITAR ESTE ARTIGO

AIRES, Janaíne Sibelle Freires. O protagonismo da raiva em apresentadores de TV: um estudo comparativo a partir do programa Correio Verdade. **Passagens:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 52-74, jul./dez. 2021.

RECEBIDO EM: 21 maio 2021

ACEITO EM: 21 jun. 2021